

Os 75 anos do Palácio Encantado

Inaugurada em outubro de 1950, antiga Sede do Clube Curitibano tornou-se símbolo de elegância com seus nove imponentes andares que moldaram a vida social de Curitiba por quase duas décadas

■ por Gustavo Maiato

Há 75 anos, o centro de Curitiba ganhou um símbolo. O prédio de nove andares erguido na esquina da Rua XV de Novembro com a Barão do Rio Branco não foi apenas uma nova sede para o Clube Curitibano — foi, como descreveram as próprias revistas da época, “um sonho tornado concreto armado”. Era outubro de 1950 quando o Palácio Encantado, como logo foi apelidado, abriu suas portas. Mas a história desse prédio começa bem antes, em 1946, com uma proposta que, à época, foi considerada ousada, exagerada, “quase lunática”, como classificaram alguns. A ideia não era só erguer paredes. Era criar uma nova identidade para o Clube, redefinir seu papel social e afirmar, no centro da cidade, a força da tradição aliada à modernidade.

As informações aqui reunidas foram extraídas diretamente das edições de 1950 da revista oficial do Clube Curitibano, que registraram mês a mês — com entusiasmo, emoção e riqueza de detalhes — cada passo da epopeia de construção do edifício. Em uma dessas edições, publicada em abril, lê-se que o projeto teve como alicerce a coragem de homens como o então diretor Joffre Cabral Silva, que, diante da proposta inicial de uma sede de três andares, decidiu ir além: “Sonhar pequeno ou grande dá o mesmo trabalho. Por que não sonhar grande?”, teria dito ele, segundo registros da ata de reunião transcrita na publicação. Ao seu lado, nomes como Othelo Lopes, João Viana Seiler e Percyval Loyola uniram esforços para tornar viável aquilo que parecia impossível.



A fachada imponente do “Palácio Encantado” com seus nove andares

Arquivo histórico do Clube Curitibano



O presidente Joffre Cabral Silva



Arquivo histórico do Clube Curitibano

A inauguração da nova sede

A proposta, enfim aprovada, era ambiciosa: nove andares, com espaço para salões, biblioteca, boate, salas de jogos, auditório, escritórios comerciais e lojas no térreo. O modelo financeiro também foi inovador. A Caixa Econômica concedeu um financiamento de Cr\$ 9.204.772, com consignação mensal de Cr\$ 90.666. Mas os cálculos da diretoria previam arrecadação superior, o que de fato se concretizou. Já nos primeiros meses, a receita ultrapassava Cr\$ 100.000, gerando superávit mensal ao Clube. “Não há dúvida que, se realizarmos a obra por completo, a própria locação cobrirá a consignação mensal”, dizia Joffre Cabral Silva em relatório citado em uma das atas de maio daquele ano. E ele estava certo.

Durante os anos de construção, as revistas acompanhavam tudo de perto. Cada parede que subia, cada andar que tomava forma, era celebrado como uma vitória coletiva. Havia quem duvidasse, e isso também foi registrado. “Diziam que era utopia, um exagero, um devaneio. Mas era, antes de tudo, um ideal”, escreveu o jornalista Valfrido Piloto em uma crônica publicada em novembro de 1950. A revista daquele mês o chamou de “programa realizado”, e não sem razão. Ao longo do processo, envolveu-se uma rede de engenheiros, arquitetos, decoradores, fornecedores e visionários. O técnico de decoração Alberto Echoltz veio do Rio de Janeiro, acompanhado por uma equipe da famosa Casa Nunes. As madeiras nobres foram fornecidas por Módolo & Cia. A empresa Byington & Cia cuidou da iluminação. Todos movidos por um mesmo objetivo: entregar à cidade um espaço digno, belo e funcional.

A inauguração oficial aconteceu em 25 de outubro de 1950, e a programação foi extensa. Começou com uma missa solene na Catedral Metropolitana, celebrada pelo padre Noé Pereira, e seguiu com a bênção do prédio realizada pelo Monsenhor Micos. O salão de festas do Clube, recém-construído, foi o palco da sessão solene presidida por Joffre Cabral Silva. Na mesa, estavam o governador Moyses Lupion, o prefeito Lineu do Amaral e outras autoridades civis e militares. No discurso, Joffre declarou: “Feliz, radiosamente feliz, plenamente feliz... é como me sinto neste dia que assinala o mágico fato da inauguração do nosso Palácio Social”. A revista descreve que, ao final dessas palavras, o auditório irrompeu em aplausos. Era o reconhecimento por anos de luta, planejamento e resiliência.



A noite seguiu com o grandioso baile de gala. “Um dos maiores da história do Clube”, registrou o jornal O Dia. As senhoras vestiam-se com trajés longos e refinados; os cavalheiros, de smoking impecável. Os carros formavam fila na Rua XV. “Parecia uma première no Chinese Theatre de Hollywood”, escreveu a cronista Rosy. Houve champanhe, orquestra ao vivo, discursos emocionados e uma atmosfera de pura celebração. Entre os presentes, figuras da elite curitibana e paranaense, empresários, políticos e artistas. Era mais do que uma festa: era a consagração social de um feito arquitetônico e institucional.

Ao longo dos meses seguintes, a nova Sede virou o centro das atenções na cidade. A imprensa local não poupou elogios. Em editorial publicado na edição de novembro da revista do Clube, lia-se: “Este edifício é uma obra que deixa de pertencer aos sócios para pertencer à cidade. É um bem coletivo, um monumento ao espírito de iniciativa e organização do povo curitibano”. O prédio abrigava, em seus diversos andares, espaços para convivência, cultura e negócios. No subsolo, ficavam os serviços gerais. No térreo, as lojas e o famoso restaurante Nino. O primeiro andar recebia os bailes e concertos. O segundo, o restaurante. No terceiro, a boate, a biblioteca e o auditório com 500 lugares. O quarto andar concentrava a administração do Clube. E do quinto ao nono, os escritórios comerciais — todos já alugados antes mesmo da inauguração oficial.

A frase “Aqui, a maldade não se admite”, gravada em bronze no hall de entrada, tornou-se uma espécie de lema silencioso da Sede. Ela simbolizava o ideal de civilidade, moral cristã e convivência harmônica que o Clube defendia. Um dos editoriais mais contundentes da revista alertava: “Devemos lutar! E é para isso, tendo ao nosso lado essa vantagem, que o ideal de honrar um mandato que nos foi confiado se torna realidade”. A moral e a cultura eram vistas como pilares da vida associativa. Não se tratava apenas de construir um edifício bonito, mas de edificar uma ideia.

Por alguns anos após sua inauguração, o Palácio Encantado conviveu com outra unidade importante do Clube Curitibano: a então Sede Campestre localizada no bairro Água Verde, que foi batizada de Barão do Serro Azul. Enquanto o edifício da Rua XV de Novembro concentrava as atividades sociais e administrativas em pleno centro urbano, a unidade da Água Verde ampliava as possibilidades de lazer em meio à natureza, com quadras, campos e piscinas. Em 1968, após 18 anos de protagonismo, o Clube Curitibano encerrou oficialmente suas atividades na sede urbana da Rua XV.



Acervo histórico do Clube Curitibano



A venda do Palácio Encantado marcou o fim de um ciclo brilhante e a consolidação da Sede Barão do Serro Azul como o novo coração institucional da instituição. Ainda assim, o edifício permanece na memória coletiva como o símbolo de uma época em que se ousou transformar cimento em civilização. Um tempo em que o Clube Curitibano não apenas ocupou o centro de Curitiba — ele o definiu. ☒